

José Manuel Garcia

O essencial sobre
JAIME CORTESÃO

hcm

© **N** I M P R E N S A
N A C I O N A L
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA A COMERCIALIZAÇÃO.

José Manuel Garcia

O essencial sobre

JAIME CORTESÃO

icm

INTRODUÇÃO

Procurar apreender de forma esquemática os traços biográficos de Jaime Cortesão é não só uma tarefa que tem muito de artificial como é um tanto simplista. Ainda assim, tal atitude acaba por ser útil ao divulgarem-se as linhas de força da vida e da obra de uma figura tão notável da nossa história como foi Jaime Cortesão.

Dentro deste espírito, podemos considerar as seguintes grandes fases e períodos na atribulada vida do grande cidadão e homem de letras:

- 1) 1884-1910. Formação.

- 2) 1910-1927. Intervenção na vida nacional:
 - A) 1910-1919 — Como professor, publicista e político;
 - B) 1919-1927 — Como director da Biblioteca Nacional, historiador, publicista e político.
- 3) 1927-1957. Exílio durante o qual se consagrou fundamentalmente à investigação da história:
 - A) 1927-1940 — Residência em França e Espanha;
 - B) 1940-1957 — Residência no Brasil.
- 4) 1957-1960. Epílogo da vida. Regresso a Portugal.

O PERCURSO DE JAIME CORTESÃO

1. Formação

Em Abril de 1884 Hermenegildo Capelo e Roberto Ivens iniciavam a grande viagem «De Angola à Contracosta». Esse gigantesco empreendimento inseria-se na corrida à exploração de África em que Portugal se via envolvido devido à concorrência colonial de outros países europeus, sobretudo desde meados do século XIX. Capelo e Ivens representam bem os exploradores que, nas terras africanas, visavam garantir a posse de vastos espaços negociados à mesa de grandes conferências internacionais, de entre as quais a mais importante foi a que se iniciou em Berlim a 15 de Novembro de 1884. A velha Europa estava, pois, nesse ano, a delinear decisivamente a configuração do último surto colonialista que lhe garantia o domínio de grande parte do mundo.

Foi neste ambiente que nasceu em 29 de Abril de 1884 em Ançã, concelho de Cantanhede, o futuro grande historiador da Expansão Portuguesa — Jaime Zuzarte Cortesão.

O filho de António Augusto da Silva Cortesão e Norberta Cândida Zuzarte teve uma infância tranquila e desafogada, marcada quer pelo sentido poético da mãe quer pela actividade do pai, médico e filólogo.

Em 1890, passou a viver com a família em S. João do Campo, concelho de Coimbra. Nesta cidade frequentou o liceu desde 1896 e depois de ter terminado os estudos secundários inscreveu-se na Universidade onde fez o primeiro ano de Grego. Abandonou no entanto este curso, optando pelo de Direito, que preferiu ao de Belas-Artes, que também o atraía. Não foi, no entanto, esta a sua última orientação de estudos, pois após dois anos de frequência decidiu-se pela formatura em Medicina. Inscreveu-se para o efeito na Faculdade de Medicina de Coimbra, transferindo em 1905 a matrícula para a Escola Médico-Cirúrgica do Porto, onde permaneceu até 1909. Nesta cidade, manifestou-se pela primeira vez numa acção política de envergadura ao participar na greve académica de 1907 contra a ditadura de João Franco.

Foi também neste período da sua vida no Porto que publicou a primeira poesia «Tarde de Romaria» em *O Instituto*, n.º 53, 1906. No ano seguinte fundou com Leonardo Coimbra, Cândido Basto e Álvaro Pinto a revista *Nova Silva* onde colaborou desde o n.º 1 de 2 de

Fevereiro de 1907 até ao n.º 5 (e último) de 10 de Abril de 1907. Em 1908 e 1909 escreveu na *Ilustração Popular* e em 1909 na 2.ª série de *A Vida* onde se pode destacar a redacção de uma série de oito artigos sobre «A Mulher», publicados entre 31 de Janeiro e 22 de Agosto de 1909.

Em 1908 aderiu ao Partido Republicano, tendo por função principal estabelecer a articulação entre os republicanos do Norte e os do Sul do País. Relacionou-se então com Bernardino Machado. Em 1909 deslocou-se para Lisboa onde se matriculou na respectiva Faculdade de Medicina para terminar o curso em 1910 com 18 valores, apresentando a tese *A Arte e a Medicina — Antero de Quental e Sousa Martins*. Neste ano foi preso pouco antes de 5 de Outubro, sendo libertado nesta altura, após a implantação da República. Ainda em 1910 regressou a S. João do Campo onde se consagrou à medicina, mas sem grande entusiasmo.

2. Intervenção na vida nacional.

A) 1910-1919

A política interessava-o vivamente, pelo que em Maio de 1911 se candidatou a deputado pelo círculo de Coimbra, embora não tenha conseguido ser eleito. Foi neste con-

texto que em 20 de Maio deste mesmo ano Jaime Cortesão foi aceite (após algumas dificuldades) na Maçonaria, integrando-se na loja Redenção de Coimbra sob o nome simbólico de Marcus Guyau. A sua participação nas actividades maçónicas foi, no entanto, muito reduzida ou mesmo nula. Acabou por ser afastado em 25 de Junho de 1920, devido ao não pagamento de quotas e ao desinteresse que tinha manifestado nos anos anteriores por tal organização (*Prelo*, 1984, pp. 43-53). Ainda assim voltou a reentrar na Maçonaria até pedir a demissão formal em 30 de Maio de 1926 (*Nova Renascença*, 1985, p. 61).

Em Janeiro de 1912 casou com a sua prima Carolina Ferreira e regressou ao Porto onde abandonou a prática da medicina para se dedicar ao ensino da História e da Literatura no Liceu Rodrigues de Freitas.

A sua principal ocupação cultural manifestou-se então no movimento da *Renascença Portuguesa*. A primeira reunião preparatória para a sua criação realizou-se em Coimbra a 27 de Agosto de 1911, tendo iniciado as suas actividades em 1 de Janeiro de 1912 com a publicação da segunda série da revista *A Águia*. Cortesão foi um dos principais colaboradores (até Setembro de 1920), tal como o fora da 1.^a série, entre 1 de Dezembro de 1910 e Julho de 1911. A sua atenção concentra-se, contudo, desde 31 de Outubro de 1912, na direcção do quinzenário *A Vida Portuguesa* e na Universidade Popular do Porto inaugurada em 9 de Junho de 1912, de que foi

um dos impulsionadores. Aqui realiza um curso com seis lições sobre *História Pátria* e outro com quatro lições sobre *A Vida e a Obra de Camilo Castelo Branco*. Em apoio da Universidade Popular da Póvoa de Varzim realizou ainda em 16 de Fevereiro de 1913 uma conferência sobre «Portugal e o Mar».

A sua actividade foi muito intensa, pois fazia parte dos corpos gerentes como membro do conselho de administração, além de dirigir com Alfredo C. de Magalhães a *Biblioteca Lusitana*, uma das colecções editadas pelo movimento.

Em 1960, pouco antes da sua morte, recordava que «o denominador comum que agregou homens de tendências tão díspares» que participavam na *Renascença Portuguesa* era «a necessidade, sentida por todos, de dar um conteúdo renovador e fecundo à revolução republicana que acabava de fundar um novo regime em Portugal». Como que estabelecendo uma ponte com um período posterior da sua vida, afirmou ainda que: «Não se nos afigura excessivo lembrar também que da formação e convívio intelectuais de *A Renascença Portuguesa* saiu e perdurou na quase década de 1919 a 1927 o chamado grupo da Biblioteca (Nacional de Lisboa)».

Em 1913, atravessou dificuldades económicas que o levaram a pensar em emigrar para África. Mas abandonando tal projecto continuou a dedicar-se às suas actividades culturais (*Prelo*, 1984. p. 42).

Em 1914 iniciou a sua campanha favorável à entrada de Portugal na Primeira Grande Guerra e para o efeito dirigiu nesse ano, desde 1 de Agosto, o diário democrático *O Norte*.

Em 1915, fez parte da Junta Revolucionária do Porto que participou no movimento para a queda, em 14 de Maio, da ditadura de Pimenta de Castro. Na sequência destas acções, Jaime Cortesão foi eleito deputado em 13 de Junho desse ano, tendo regressado a Lisboa. A sua atitude intervencionista no grande conflito que afectava a Europa ganhou então um grande fôlego, acentuado ainda mais no ano seguinte. Quando os soldados portugueses se juntaram à França e à Inglaterra em 1916, ofereceu-se como médico miliciano voluntário. Partiu para a França em Agosto de 1917, tendo sido gaseado em 21 de Março de 1918 e recebido, depois, um louvor e a Cruz de Guerra.

Passado pouco tempo do seu regresso, foi preso nos últimos meses de 1918 devido à sua hostilidade contra os sidonistas no poder.

B) 1919-1927

Libertado na sequência da reacção dos republicanos liberais, após o assassinato de Sidónio Pais, a sua actividade desde os inícios de 1919 visou contribuir de forma concreta para a formação de uma consciência cultural

e cívica dos Portugueses dentro dos princípios progressistas da República. Neste período, que se caracterizou por uma vida mais estável e se prolongou até Fevereiro de 1927, a sua actividade centrou-se na Biblioteca Nacional de Lisboa de que foi nomeado director em 6 de Maio de 1919. Como já atrás referimos, utilizando as suas palavras, aquela instituição cultural passou a ser um centro de convívio e de trabalho entre um escol intelectual de rara envergadura no nosso país, de que se destacaram os seguintes nomes, lembrados em 1960 pelo próprio Cortesão: Raul Proença, Álvaro Pinto, António Sérgio, Aquilino Ribeiro, Teixeira de Pascoaes (sempre que vinha a Lisboa), Raul Brandão, Leite de Vasconcelos, José Maria Rodrigues, Reinaldo dos Santos, Afonso Lopes Vieira, José de Figueiredo, David Lopes, Luciano Pereira da Silva, Agostinho de Campos, Carlos Malheiro Dias, Mário de Azevedo Gomes, Luís de Câmara Reis, etc.

Duas revistas estão ligadas parcialmente a este grupo. Uma, a que teve maior vida e impacto político e cultural, foi a *Seara Nova*, cuja publicação se iniciou em 15 de Outubro de 1921 e de que foi um dos directores. A outra revista, de carácter mais erudito mas também ligada ao grupo, foi a *Lusitânia — Revista de Estudos Portugueses*, dirigida por Carolina Michaëlis de Vasconcelos e iniciada em 1924.

Preocupado em tornar a Biblioteca Nacional um importante e dinâmico centro cultural, Cortesão não se pou-

pou a esforços de organização em colaboração com Raul Proença.

De entre as missões que se encarregou para valorizar o espólio da Biblioteca destaca-se a viagem que fez a Itália na companhia de Augusto Gil entre Setembro e Novembro de 1919 para negociar a compra do Cancioneiro Colocci-Brancuti.

Em 1921, foi eleito membro da Academia das Ciências de Lisboa.

Devido ao prestígio que fora alcançando em Portugal e entre os colaboradores da *Seara Nova*, Jaime Cortesão foi escolhido para fazer parte da missão cultural que acompanhou o presidente da República António José de Almeida ao Brasil, aquando das comemorações do centenário da independência deste país em Agosto de 1922.

No ano seguinte, foi convidado para ministro da Instrução por Álvaro de Castro, mas recusou o cargo, atitude que voltaria a repetir em 1924. Em 1923 participou com Raul Proença no Segundo Congresso Internacional de Bibliotecários que se realizou em Paris. Em 22 de Novembro de 1925 foi eleito pela coligação radical para a Câmara Municipal de Lisboa, mas por pouco tempo.

O ambiente político estava cada vez mais marcado por uma crescente tensão política, e o perigo do fascismo avizinhava-se. Cortesão teve consciência dele e combateu-o por várias ocasiões, nomeadamente numa conferência realizada em 16 de Março de 1926 no salão da Cons-

trução Civil, na Calçada do Combro, integrada na *Quinzena de Propaganda contra o Fascismo*.

Anteriormente participara num movimento democrático, proferindo na Sociedade de Geografia de Lisboa em 4 de Março de 1923 uma conferência intitulada «Intuitos da União Cívica» in *União Cívica — Conferências de Propaganda*, Porto, Edição da Comissão Directiva do Norte, 1923.

Pouco tempo depois manifestava também, e mais uma vez, a sua preocupação face à situação das colónias portuguesas como se constata do parecer que apresentou como relator da Comissão de Defesa das Colónias em 15/1/1926 na Sociedade de Geografia de Lisboa; aí propunha um programa com várias atitudes e a realização de conferências, tendo-se ele próprio proposto falar sobre: «A expansão e a actividade ultramariana como finalidade da Nação e garantia da sua independência». Este seu trabalho vinha na sequência de vários artigos publicados em 1925 na *Seara Nova* e no *Boletim da Agência Geral das Colónias*.

Em Setembro de 1926 ainda representou em Roma a Academia das Ciências de Lisboa no XXII Congresso Internacional dos Americanistas, mas os acontecimentos políticos que entretanto ocorreram em Portugal despertaram nele o seu espírito combativo.

Em 28 de Maio de 1926, estabelecera-se a ditadura militar, e logo na primeira revolta dos liberais em 3 de Fevereiro de 1927 encontramos Jaime Cortesão como diri-

gente da Junta Revolucionária do Porto. Após a repressão deste movimento e da demissão do cargo que ocupava em 16 de Fevereiro, iniciou um longo e dramático exílio por vários países.

3. O exílio

A) 1927-1940 na Europa

Ao sair do País esteve ainda um mês em Espanha até que passou a viver em França onde fez parte da «Liga de Defesa da República», então formada em Paris. Participou nas várias organizações de resistência das forças democráticas e simultaneamente fez pesquisas históricas na Biblioteca de Paris e em arquivos.

Em 1930 apresentou em Bruxelas por ocasião da Exposição Internacional de Antuérpia o livro *L'Expansion des Portugais dans l'Histoire de la Civilisation*.

No ano seguinte, após a proclamação da República em Espanha em 14 de Abril, Cortesão partiu com outros exilados para este país. Alguns deles chegaram mesmo a almentar planos nos anos seguintes para restabelecer a democracia em Portugal a partir do país vizinho. Mais uma vez o historiador aproveitou os acidentes das suas atribuladas viagens para fazer investigações em Madrid e no Arquivo das Índias em Sevilha. É dos primeiros anos da sua estadia em Espanha (1931-1934) a volumosa colabo-

ração que envia para a *História de Portugal* (ed. de Barcelos). Depois da repressão da «revolução das Astúrias», Cortesão volta a França em Outubro de 1934 para só regressar após a vitória eleitoral da Frente Popular em Fevereiro de 1936. Desde então terá reduzido as suas actividades políticas em Espanha, apesar de continuar a relacionar-se com os portugueses emigrados da oposição que combatiam os «nacionalistas» espanhóis e preparavam uma incursão em Portugal contra o Estado Novo.

Aquando da derrota das forças republicanas na Guerra Civil, teve de fugir de Barcelona em Janeiro de 1939 em condições dramáticas, face ao rápido avanço das forças franquistas.

Voltou a fixar-se em França, quer em Paris quer em Biarritz, mas agora por pouco tempo, pois entretanto verificara-se a invasão dos nazis alemães.

Regressou a Portugal em 1940 com outros exilados, entre os quais o idoso Bernardino Machado, mas foi preso pela PIDE em 27 de Junho na fronteira e encarcerado durante quatro meses, primeiro no Forte de Peniche e depois no Aljube de Lisboa. Apesar de o autorizarem a preparar os seus estudos para as publicações integradas no âmbito das comemorações do Ano Áureo e da Exposição do Mundo Português, que ainda chegou a visitar, foi oficialmente «banido» para o Brasil em 20 de Outubro de 1940.

B) 1940-1957 no Brasil

Se alguma tragédia pessoal tem algum lado positivo, o caso de Cortesão é exemplar, pois, tendo sido obrigado a um exílio odioso, ele contribuiu mais do que ninguém, e mais que qualquer teórico acordo cultural, para o estreitamento de relações entre Portugal e o Brasil. Na verdade, apesar de ter sofrido imenso pelo afastamento forçado do seu país, que amava como poucos, Cortesão soube adaptar-se bem ao «mundo que o português criou» e alcançou aí um justo prestígio que pensamos mais nenhum português conseguiu alcançar no Brasil durante o século XX.

Radizando-se no Rio de Janeiro (na Rua Ibituruna) e tendo permanecido muito tempo em São Paulo, visitou grande parte do Brasil quer para realizar as suas investigações, quer para proferir conferências.

Em 12 de Fevereiro de 1944 foi contratado pelo Ministério das Relações Exteriores para trabalhar na Mapoteca e Serviço de Documentação do Itamarati, tendo ainda passado a leccionar no Instituto Rio Branco (que então se formava) um curso sobre «História da Cartografia Política do Brasil» destinado aos diplomatas brasileiros. Em 1946 este curso foi transformado noutro sobre «História da Formação Territorial do Brasil». Passou também a trabalhar nesta altura na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

O ponto mais alto da permanência de Cortesão no Brasil corresponde ao da sua nomeação em 1952 para se en-

carregar da organização da «Exposição Histórica de São Paulo dentro do Quadro Histórico do Brasil» destinada a comemorar o IV Centenário da fundação da cidade de S. Paulo que decorreu entre 1954 e 1955. A difícil e grandiosa montagem da exposição foi um êxito que lhe acarretou a notável distinção do título de «Cidadão Benemérito de São Paulo» outorgado em 6 de Agosto de 1957 (antes de regressar definitivamente a Portugal) e que juntou à «Ordem do Cruzeiro do Sul» que já recebera em 23 de Maio de 1945.

Enquanto esteve no Brasil, além dos livros que publicou e que mais à frente iremos referir, teve uma colaboração variada em muitos jornais brasileiros como *O Estado de São Paulo*, *A Manhã*, *Diário de Notícias*, *Jornal do Comércio* e *Gazeta de Notícias*, e a partir de 1951 em *O Primeiro de Janeiro* do Porto e mais tarde nos jornais *Notícias* de Lourenço-Marques, *Província de Angola* de Luanda e *Diário de Lisboa*.

Foi secretário do Gabinete Português de Leitura e dirigiu a Colecção Clássicos e Contemporâneos da Editora Dois Mundos do Rio de Janeiro.

De 1952 a 1957, Jaime Cortesão pôde de novo visitar todos os anos Portugal com um passaporte diplomático brasileiro, até que regressou definitivamente à pátria em 1957.

4. Epílogo da vida — 1957-1960. Depois do regresso

Os poucos anos que lhe restavam de vida passou-os a trabalhar e a viajar, num desejo sôfrego de recuperar o

tempo perdido no exílio. Tal como já fizera nos anos anteriores, sempre que viera a Portugal, contacta com inúmeras terras que desejava conhecer ou rever.

A sua figura tornou-se um autêntico símbolo de referência e de evocação da liberdade, que apesar da sua idade constituía uma ameaça latente a Salazar. Em finais de Outubro de 1957, o directório da oposição republicana escolheu-o como candidato à Presidência da República nas eleições que se iriam realizar em Julho de 1958. Embora tenha recusado tão honrosa nomeação, continuou como um dos mentores da oposição.

Em 1958 conheceu pela quarta vez a prisão em 22 de Novembro, mas uma grande campanha de solidariedade, sobretudo no Brasil, cedo o fizeram libertar (em 28 de Novembro). Nesse mesmo ano foi eleito presidente da Direcção da Sociedade Portuguesa de Autores onde teve intensa actividade.

Continuava a trabalhar afanosamente na investigação histórica quando morreu em 14 de Agosto de 1960.

Em África sucediam-se as independências de novos países, mas o Estado Novo preparava-se para resistir às lutas que ameaçavam as colónias portuguesas e que eclodiram em 1961. Só uma dezena e meia de anos depois terminou o primeiro e último império europeu, cujo conhecimento tanto se ficou a dever a Jaime Cortesão.

A OBRA

Tem muito de artificial falar numa obra literária e artística, por um lado, e numa obra científica, por outro, quando temos em conta os trabalhos de Cortesão. Na verdade ele conseguiu atingir uma tão notável coesão entre um apurado rigor científico e um nível estético que pensamos ter mesmo suplantado nesta simbiose as obras de outros grandes autores. Fernando Piteira Santos já salientou com notável oportunidade que: «só Jaime Cortesão, apesar de escravo das suas disciplinas de investigador erudito, tem asas de escritor para cultivar a História como género literário. Perpassam na sua bela prosa o colorido de um Fernão Lopes, a solene dignidade de um Herculano, os fulgores cintilantes de um Oliveira Martins» (*República*, 11-6-1960).

A sua contribuição para a cultura portuguesa e luso-brasileira decorreu durante um período de mais de 50 anos e marcou todos aqueles que conviveram e convivem com a sua obra.

Iremos de seguida apontar os dados mais relevantes que caracterizam as várias facetas da sua obra, distribuindo-as de acordo com um critério cronológico e temático do seu aparecimento.

Devido à sua vastidão, não pudemos ter em conta todos os testemunhos, como conferências, discursos, entrevistas e desenhos, cujo inventário se encontra nos li-

vros de Neves Águas. Apesar das dificuldades, procurou-se o maior rigor possível, tendo em vista não descurar nenhuma informação bibliográfica importante.

Poesia

O poeta Jaime Cortesão, que tantas vezes foi injustamente esquecido por aqueles que trataram da história da poesia portuguesa, escrevia em 1910: «[...] ao falar em Arte, me refiro em particular à poesia, pois penso como Guyau, que ela é a mais nobre de todas as Artes, porque reúne em si todas as outras e porque é lícito esperar dela tudo o que há de mais sério e de mais profundo». Na verdade a primeira fase da actividade literária do grande amigo de Teixeira de Pascoaes foi marcada pelo domínio do interesse pela poesia.

Embora Cortesão tenha escrito poemas durante quase todas as fases da sua vida (e a sua prosa é muitas vezes poética), a maior parte dos seus poemas foi publicada nos anos que antecederam e sucederam a implantação da República em Portugal. A data de 1923 corresponde como que a um epílogo do poeta, que cede o lugar ao domínio do historiador.

Antes da publicação da efémera revista *Orfeu* em 1915, que marca o arranque decisivo do Modernismo, uma pléiade de poetas havia-se reunido em torno da revista *A Águia* (nas suas duas séries, a segunda das quais li-

gada à *Renascença Portuguesa*). A tendência geral do movimento literário então gerado foi designada pela expressão genérica de Saudosismo, tendo nele Teixeira de Pascoaes alcançado a maior notoriedade e Cortesão um lugar de destaque que mereceu em 1913 de Fernando Pessoa o elogio de o considerar: «O primeiro dos poetas da novíssima geração».

Grande parte da sua poesia foi marcada por uma herança neo-romântica e simbolista que soube entroncar num «Saudosismo Prospectivo». Em muitos dos seus versos patenteia-se um tom retórico e heróico, sobretudo nas suas composições iniciais, que se ajusta bem à mentalidade de um homem amante da coragem, do patriotismo, dos valores e da liberdade.

O lirismo e o amor da natureza, na sequência de Almeida Garrett e de João de Deus, atinge também na sua obra uma dimensão original e sublime, pois consegue uma transcendente «desrealização do real dado». A presença da influência popular é notória nas composições em que adoptou a forma de redondilhas.

Depois destas rápidas linhas que procuraram apreender aspectos essenciais da obra poética de Cortesão, vejamos quais os livros que contêm um tão precioso legado literário.

A Morte da Águia, poema heróico (em VII cantos), Lisboa, Livraria Editora Guimarães, 1910, 88 p. (acabou de se imprimir em 1909). Foi escrito entre Setembro de 1908 e Outubro de 1909, tendo alguns dos seus contos

sido publicados previamente nas revistas *Ilustração Popular* e *A Vida*.

Glória Humilde, Porto, Renascença Portuguesa, 1914, 190 p. (acabou de se imprimir em 20 de Fevereiro de 1914). Neste volume foram integradas as duas «plaquetas» extraídas de *A Águia: Esta História é para os Anjos* (12 p.) e *Sinfonia da Tarde* (12 p.), ambas publicadas em 1912. Grande parte dos restantes poemas ali reunidos haviam sido publicados entre 1907 e 1914 nas revistas *Nova Silva*, *A Águia*, 1.^a e 2.^a série, *Ilustração Popular*, *Rajada*, e na *Homenagem a João de Deus*.

Divina Voluptuosidade, poemas em redondilhas, Paris-Lisboa, Livraria Aillaud e Bertrand, 1923, 143 p. (acabou de se imprimir em 20 de Março de 1923). Alguns dos poemas aqui editados já haviam sido publicados entre 1916 e 1923 nas revistas *A Águia*, 2.^a série, e *Seara Nova*.

Missa da Meia-Noite e Outros Poemas, Lisboa, Seara Nova, 1940, 108 p. (acabou de se imprimir em 9 de Novembro de 1940). Jaime Cortesão assinou com o pseudónimo António Frois. Os poemas aqui reunidos foram todos publicados primeiro na revista *Seara Nova*, quase todos em 1940 com excepção de dois que saíram em 1936. Como que em subtítulo da «Missa da Meia-Noite» escreve: «(Drama metafísico entre prosa e verso, e cenário para um filme com música do maestro X).»

Parábola Franciscana, Lisboa, Gráfica Santelmo, 1953 (4) p. Também publicada na *Távola Redonda*, fasc. 19-20, 19 de Julho de 1954.

Trechos das obras anteriormente citadas, além de outros poemas dispersos e um inédito, foram reunidos na antologia *Poesias Escolhidas*, como uma carta inédita de Fernando Pessoa, prefácio e selecção de David-Mourão Ferreira, Lisboa, Arcádia, 1960, 150 p. (acabou de se imprimir em Maio de 1960 e foi um «edição comemorativa do cinquentenário literário do Autor»).

Na edição das *Obras Completas* de Jaime Cortesão, foram editados com os números XI e XIV os volumes de *Poesias I* e *Poesias II*, Portugália Editora, respectivamente em 1967 e 1968, 250 p., 284 p. No primeiro destes volumes, reúnem-se os livros *A Morte da Águia* e *Glória Humilde* e no segundo praticamente toda a restante poesia que é conhecida.

Sobre os seus dramas em verso *O Infante de Sagres* (1916) e *Egas Moniz* (1918) far-se-ão referências mais à frente.

Uma outra faceta do poeta que retomou e cultivou a herança romântica encontra-se nas suas três recolhas de poesia popular. As duas primeiras foram publicadas na sequência do seu livro *Glória Humilde* e correspondem a: uma antologia precedida de um «Estudo Crítico» — *Cancioneiro Popular*, Porto, Renascença Portuguesa, 1914, 186 p. e à selecção precedida do prefácio «Às crianças», *Cantigas do Povo para as Escolas*, Porto, Renascença Portuguesa, 1914, 86 p.

O terceiro livro sobre esta temática foi já publicado no Brasil e é precedido do estudo «Declaração Prévia —

A Poesia Cantada do Povo Português», *O Que o Povo Canta em Portugal*, Rio de Janeiro, Livros de Portugal, Coleção Clássicos e Contemporâneos, 1942, 320 p. (*Obras Completas*, vol. XXVII).

Nestas obras Jaime Cortesão acabou por superar o «romantismo folclórico, erguendo-se do interesse pela poesia popular à compreensão histórica do trabalho e da acção prática de todo o povo», facto que está bem patente no pequeno conto «O Pedreiro Cantador», primeiro, publicado em *A Águia*, n.º 11, Novembro 1912, e, depois, no livro *D'Aquém e d'Além Morte*.

Contos

Tal como acontece com a sua poesia, o único volume de contos que escreveu . . . *D'Aquém e d'Além Morte*, il. de Cristiano de Carvalho, Cervantes de Haro, Porto, Renascença Portuguesa, 1913, 204 p., insere-se na corrente saudosista. Os sentimentos de Cortesão estão ali reflectidos, convergindo com uma forte presença da evocação histórica. Nos ambientes que traça, o naturalismo cruza-se com o neo-romantismo, o presente com o passado, dando uma beleza particular a páginas que merecem sair do esquecimento. A fantasia do Autor está marcada nestes contos pelo gosto do terror e do fogo, mas reveste-se sempre de uma grande profundidade poética.

Teatro

Depois de escrever poemas e contos, Jaime Cortesão decidiu-se também a experimentar o género dramático. A sua actividade limitou-se à redacção de três obras que conheceram um êxito assinalável.

A primeira peça a ser representada foi *O Infante de Sagres* que se estreou no Teatro República (actualmente S. Luís) em Lisboa em 15 de Dezembro de 1916. É um «drama épico em IV actos» que foi publicado pela primeira vez no Porto, Renascença Portuguesa, 1916, 108 p.

Cortesão era então deputado e preparava-se para participar directamente na Primeira Grande Guerra. O ambiente exaltado que se vivia em Portugal, resultante do choque de interesses provocados por este conflito (dois dias antes dera-se a «Revolta do Nabão»), terá sido um bom receptáculo para as características épicas da peça que foi bem recebida pelo público. Já no fim da vida, o Autor reconhecia que ela surgira como resultado do seu interesse pela história e observava: «volvido o rescaldo desse pequeno fogo de entusiasmo heróico de aspiração ideal, de fé no homem, com que pretendemos animar a nossa primeira obra de teatro, e que, hoje como ontem dão valor à vida». Com o tempo Cortesão vira que a imagem ideal do Infante não correspondia à verdade e por isso ressalvava estes valores imorredoiros da sua obra. O drama vive de algumas das tenções iniciadas no início da Expansão e centra-se nas questões da

conquista de Tânger e nas consequências do seu malogro. Os versos servem para enaltecer o grande herói divino — o Infante — e terão contribuído através do incitamento ao combate dos mouros/ (alemães?) e de anseio das terras a possuir/ (colónias?) mais uma acha na fogueira da Guerra.

Pouco mais de dois anos depois, regressado dos campos de batalha, após a permanência nas prisões sidonistas, Cortesão reage contra a ressaca catastrófica que se abatia sobre os países que tinham saído da guerra. Escreve então novo drama histórico a que dá o nome de *Egas Moniz*.

Foi estreado no mesmo teatro da peça anterior em 9 de Janeiro de 1919 e publicado no Porto, Renascença Portuguesa, 1918, XIV + 26 p.

O recurso à evocação dos tempos em que os primeiros e valorosos portugueses construíam vigorosamente um novo estado independente inseria-se no objectivo de reavivar o espírito nacional. Mais uma vez o ambiente emocional que então se vivia (no dia seguinte eclodiu a «Revolução de Santarém») contribui para o êxito da peça de Cortesão que no fim da representação foi homenageado.

A última incursão no teatro reveste-se de características diversas. Abandonando os campos da história (quando se aproximava o período em que lhe iria consagrar toda a atenção), escreveu *Adão e Eva*, que foi representada pela primeira vez em Maio de 1921 e publi-

cada em Lisboa, *Seara Nova*, 1921, 136 p. Esta peça em 3 actos corresponde a uma intervenção dramática no seu tempo. Criando um teatro de situações, fez ressaltar aspectos de um tempo de lutas vivas entre classes sociais onde a consciência e a moralidade chocam com as realidades hostis do mundo dos homens. Marco (= Adão), o herói, é afinal um *alter ego* do Cortesão que luta pela liberdade e pela justiça. Figura idealista de revolucionário, nela se expressam atitudes que, apesar de por vezes exacerbadas, reflectem alguns dos mais vivos sentimentos do autor da peça. «A força das minhas convicções provém exactamente de que antes de as tomar pesei a vida desde as suas origens»; «a liberdade e a felicidade humanas dependem simplesmente do esforço e da vontade dos homens».

Marco acabava por ser, também, um Cortesão desiludido (como Alexandre Herculano) com as forças tumultuosas da revolução anárquica tanto quanto com a repressão do poder. O seu refúgio na «liberdade de consciência» é uma saída possível para um problema de difícil solução.

O seu interesse pelo teatro reflectiu-se em vários textos, de que destacamos os seguintes:

O Teatro e a Educação Popular (Comunicação ao Congresso Nacional de Educação Popular) Lisboa, Universidade Livre, 1922.

«Teatro em Portugal na Idade Média», *O Primeiro de Janeiro*, 18/2/1952.

Mas a sua genialidade não se esgotou nestas actividades. Ele foi também mestre nas suas facetas de memorialista e de especialista de descrição de terras e de gentes, onde, aliás, continua muito mais vivo que o dramaturgo.

Memorialista

Jaime Cortesão foi o autor daquele que é, talvez, o mais vivo e precioso de todos os testemunhos escritos em português sobre a vivência da Primeira Grande Guerra. Nas *Memórias da Grande Guerra — 1914-1916*, Porto, Renascença Portuguesa, 1919, 248 p., declara enfaticamente que: «Direi apenas o que vi e ouvi. Sofri demasiado para poder mentir». É por isso que a forma impressionante e autêntica de que se reveste esse seu depoimento atinge uma dimensão maior, já que: «amassada com oiro e lama, a verdade é humana, é inteira e grandiosa». Depois de um entusiasmo inicial e febril de participar na Guerra, o idealismo acabou por se esbater dramaticamente na constatação de que, no fim, o que «todos puderam sentir nesta guerra foi a sua infinita capacidade de misérias». Podemos-nos hoje perguntar se ele não se teria sentido intimamente desiludido face ao ardor com que defendera a intervenção de Portugal no conflito. Devemos lembrar que antes já tinha escrito muitos textos

sobre este assunto, desde 1914, de entre os quais poderemos destacar a série de sete artigos intitulados «Teatro de Guerra» publicados em *O Norte* entre 10/9/1914 e 20/11/1914; a série de seis artigos intitulada «As Afirmações da Consciência Nacional» publicados em *Atlântida* entre 15/5/1916 e 15/11/1916 e, acima de todos, os dois opúsculos que lhe foram pedidos por Norton de Matos — *Cartilha do Povo. 1.º Encontro — Portugal e a Guerra. 2.º Encontro — A Inglaterra e a França, o Que São em relação a Nós*, Porto, Renascença Portuguesa, 1916, de que se tiraram 100 000 cópias.

A história viva da realidade da guerra ultrapassou em terror infernal e pesadelo de morte a fantasia dos contos. A evocação dos meandros da política e de figuras como Norton de Matos e Afonso Costa, entre outros, completa o ambiente que nos transmitiu. Anos mais tarde, ainda escreveu uma «Penúltima Crónica de Guerra» na *Seara Nova*, n.º 143, 27/12/1928.

Em vários artigos posteriores, teve também ocasião de evocar outras figuras históricas, mas de entre elas aquela a que terá dado mais saliência foi a do velho presidente Bernardino Machado. É da maior importância a homenagem que pronunciou na Liga de Defesa Nacional a 17 de Junho de 1945, em sessão pública promovida por um grupo de democratas brasileiros e portugueses publicada com o título *Elogio Histórico de Bernardino Machado*, [Rio de Janeiro], Liga de Defesa Nacional, 1945, 42 p.

Nesta temática, lembremos ainda os artigos sobre:

General Gomes da Costa, *Seara Nova*, Junho, 1925;
Mestre Norton de Matos, *Seara Nova*, Julho a Dezembro, 1955;

A Morte de Henrique Alexandrino (sem nome de autor), 2.^a edição autorizada e homenagem da directoria provincial de Entre-Minho e Douro das «Juventudes Democráticas», s/d.

Impressões de viagens

A descrição de terras e gentes foi um dos domínios em que a mestria de Jaime Cortesão foi insuperável. Embora haja várias publicações onde nos deixou textos em que as suas palavras registavam imagens e ambientes, nomeadamente nas *Memórias da Grande Guerra*, foram três as obras onde tal expressividade é mais flagrante.

A primeira é o maravilhoso livro *Itália Azul*, Rio de Janeiro-Anuário do Brasil; Porto, Renascença Portuguesa, 1922, 226 p. Nele a sua sensibilidade perante o deslumbramento do Mediterrâneo («onde todas as civilizações antigas confluíram e se congregaram») e a observação das belezas e da história das terras da Itália. Aproveitara pois, da melhor forma, a visita que ali fizera em 1919 para compor este livro «mais pincelado do que escrito, em manchas rápidas, bosquesos coloridos, fundos luminosos de painéis».

Depois colabora com algumas descrições em *O Guia de Portugal*, Lisboa, Biblioteca Nacional. São dele os seguintes artigos:

Vol. I, 1924: «Museu Nacional de Arte Contemporânea», «Castelo de São Jorge. Panorama»; «Sintra. Parque de Monserrate»; «A Arrábida. Impressão Geral»;

Vol. II, 1927: «Aspecto do Algarve no Inverno»; «Nossa Senhora de Guadalupe»; «Sagres e S. Vicente»; «Ourém»; «Capela de S. Jorge de Aljubarrota»;

Vol. III, 1944: «Coimbra, História»; «Serra do Caralmo. Mar de Nuvens».

O ponto mais alto neste tipo de literatura foi alcançado num conjunto de sessenta e seis artigos que escreveu de forma irregular entre 1952 e 1960, sempre que viajava por terras portuguesas e que foi publicando em vários jornais. Esses textos estavam a ser preparados para serem reunidos num volume intitulado *Terras e Homens de Portugal. Paisagens, Costumes, História e Arte* que acabou por ser publicado postumamente com o título *Portugal — A Terra e o Homem*, Lisboa, Artis, 1966 *.

Nestes textos do fim da vida a índole humanista do Autor penetra de forma comovente cada uma dessas pá-

* *Portugal — A Terra e o Homem*, Lisboa, IN-CM, 1987.

ginas onde as paisagens da natureza e os traços dos homens do passado e do presente foram gravados em painéis de palavras cujo brilho é imorredouro.

Dos seus olhos bem vivos e cintilantes, que tudo vêm com uma atenção alerta, as imagens passam para os nossos olhos que são iniciados na realidade das coisas. Viajar nas palavras de Cortesão é um deleite que nos conduz ao âmago do País concreto. E que guia/companheiro nas suas revelações!

Cortesão, que tinha estado tantos anos ausente da Pátria cheio de saudades e de amargura, brindou-nos com estas páginas sôfregas de vida e imbuídas de poesia e de memória.

Tendo sobretudo em conta os textos de *Portugal — A Terra e o Homem*, mas não descurando todo o conjunto da obra e para lá das qualidades do fundo temático, há que enaltecer de forma adequada, como o faz Urbano Tavares Rodrigues na introdução àquela recolha, a «[...] qualidade excepcional de prosador, desenhista de paisagens e tipos humanos sortido de cores e matizes como o mais subtil dos plásticos e com um dom de metáfora por vezes tão singular [...]».

Jaime Cortesão é por isso um dos mais expressivos cultores da língua portuguesa, como facilmente se pode reconhecer em qualquer um dos seus trabalhos literários ou científicos. As características dessa faceta que servem para enaltecer a sua figura cultural podem-se resumir, nas palavras de Urbano Tavares Rodrigues, «Na força

e pureza do vocabulário, em cujo manejo é sempre dextro e exactíssimo na limpidez e subtileza da sintaxe, que se não arreceia do período acidentado e complexo, no boleadado da frase e na sua orquestração». Algumas das particularidades deste amor à língua portuguesa e à sua utilização da forma mais eficaz encontram-se bem apresentadas nos textos onde nos apresenta as impressões dos muitos locais que visitou. A burilada arte de retratar gentes e panoramas atingiu um nível tão elevado que só se explica pelo seu elevado amor à Pátria. Bem se pode concluir que ele consegue esse quase milagre da «interpenetração e correlação profunda e total dos valores geográficos, sociais, históricos e estéticos», utilizando de novo a expressão do autor citado.

Literatura infantil e educação

Na personalidade literária riquíssima de Cortesão cabe ainda uma referência a uma parte da sua obra que por vezes é esquecida mas tem também de ser lembrada — a da literatura infantil.

Ainda durante a Primeira República escreveu um pequeno livro encantador de evocação histórica, *O Romance das Ilhas Encantadas*, Lisboa, Livraria Aillaud e Bertrand, 1925, 46 p. Mais tarde, já no exílio, adaptou de forma singela e poética a *Crónica do Condestável de Portugal, D. Nuno Álvares Pereira*, por autor anónimo

do século xv (com dedicatória: «Crónica para os pequenos portugueses»), Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1937, 234 p. Os dois livros foram reunidos em 1964 com o conto «O Cavaleiro e o Trovador» nas suas *Obras Completas*, vol. iv.

A educação foi uma das preocupações de Cortesão durante a Primeira República tendo escrito vários textos sobre tal tema, de entre os quais se destaca a série de seis artigos sobre «As Universidades Populares», publicados em *A Vida Portuguesa* entre 30/11/1912 e 16/3/1913, e a série de sete «Cartas à Mocidade» publicadas na *Seara Nova* entre 20/1/1921 e 23/3/1940 e que foram reunidas num volume editado em Lisboa, Seara Nova, 1940, 95 p.

Não nos esqueçamos que Cortesão foi professor entre 1912 e 1915, e que passou a dirigir entre 1919 e 1927 a Biblioteca Nacional de Lisboa, que, como já vimos atrás, se tornou um importante centro de investigação científica e de formação cultural. É neste âmbito que vale a pena recordar um conjunto de textos que reflectem a sua actividade naquela instituição e que foram publicados pelo seu órgão — *Anais das Bibliotecas e Arquivos*, série II; n.º 1, Janeiro-Março 1920, «Um Novo Incunábulo Português»; n.º 3, Julho-Setembro de 1920 «Relatório do Director da Biblioteca Nacional (há separata); n.º 5, Janeiro-Março de 1921, «Relatório duma Viagem ao Estrangeiro»; n.ºs 13-15, Janeiro-Junho 1923 — «Idée générale sur les nouvelles règles de catalogation des bibliothèques portugaises», de colaboração com Raul Proença (há separata).

No âmbito destas referências, valerá a pena referir ainda dois artigos sobre «Os Livros Antigos em S. Vicente de Fora», publicados no *Diário de Lisboa* em 18 e 21 de Abril de 1921.

Ensaio e crítica literária

Neste domínio, que entra já pelos campos da historiografia, há que destacar fundamentalmente os seguintes livros:

A Arte e a Medicina — Antero de Quental e Sousa Martins, Coimbra, Tipografia França Amado, 1910, 178 p.

Eça de Queirós e a Questão Social, Lisboa, Seara Nova, 1949, 217 p. (Recolha de artigos publicados em 1947 em *A Manhã*, *O Estado de São Paulo*, e na *Seara Nova*).

O Humanismo Universalista dos Portugueses, vol. VI das *Obras Completas* de Jaime Cortesão, Portugália Editora, Lisboa, 1965. (Os editores presumem que este livro tenha sido escrito no Brasil em 1948. Não chegou então a ser publicado, apesar de ter havido provas tipográficas, não se sabendo também ao certo qual o título original, já que aquele é da responsabilidade dos editores. Este livro é constituído pelos seguintes estudos que só parcialmente haviam sido publicados: «O Ideal da Cavalaria Andante»; «Do Amadis à Eufrosina»; «Camões

e o Humanismo como Acção, Liberdade e Amor», que corresponde parcialmente aos «Ensaio Camonianos» publicados in *Anhembi* em 1953; «O Português e o Castelhano — Os Lusíadas e D. Quixote»).

Dos muitos estudos sobre vidas e obras de figuras de grande relevo cultural que se podem considerar mais significativos, destacamos os seguintes:

«O Poeta Teixeira de Pascoaes», *A Águia*, 1.^a série 1/4 e 1/5 de 1911. «Camilo Castelo Branco no Pantéon dos Jerónimos», *A Águia*, 2.^a série, Novembro 1913.

«Camilo nos Jerónimos», *A Vida Portuguesa*, 1/12/1913.

«A Paisagem na Obra de Camilo», *A Águia*, 2.^a série, Novembro e Dezembro.

«Frei Luís de Sousa», *A Águia*, 2.^a série, Junho 1915.

«Luís de Camões Glorificado pelos Poetas da Nossa Terra», *Diário de Lisboa*, 10/1/1924.

«O Historiógrafo» in *Conde de Sabugosa-In Memoriam*, Lisboa, Portugália Editora, 1924, pp. 228-230.

«Remorso pela Morte de Antero», in *Glória de Antero*, Lisboa, 1943. (Conferência pronunciada no palácio da Associação Brasileira de Imprensa, Rio de Janeiro, 18/4/1942).

«Camões e o Descobrimento do Mundo», *Seara Nova*, n.º 875, 20/5/1944. (Há separata. Conferência realizada em 15/5/1943, no Instituto de Estudos Portugueses, Rio de Janeiro).

«História de uma História», in *Souza Cruz — Juízos sobre a Sua Vida e a Sua Obra*, Rio de Janeiro, Dois Mundos Editora, 1945.

«Reflexões sobre Eça de Queirós», *Seara Nova*, 30/12/1945.

«A Vida de Afonso Lopes Vieira — Um Auto de Amor à Terra e ao Povo», *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 24/2/1946.

«O Mistério da 'Arte de Furtar'», *Diário de Notícias*, 7/7/1946.

«Teixeira de Pascoaes. Poeta», in *Teixeira de Pascoaes — Homenagem da Academia de Coimbra*, Coimbra, 1951.

«Aquilino Ribeiro Está no Brasil», *O Primeiro de Janeiro*, 19/4/1952.

«Teixeira de Pascoaes na História das Letras», *Ler*, Janeiro, 1953.

«Para a História da 'Renascença Portuguesa'», *Ocidente*, Fevereiro, 1953.

«Último Encontro com Pascoaes», *Vértice*, Março, 1953.

«Garrett e Herculano», *O Primeiro de Janeiro*, 19/12/1954.

«Herculano e o Brasil», *O Primeiro de Janeiro*, 15/11/1956.

«Mestre e Amigo Joaquim de Carvalho», in *Joaquim de Carvalho no Brasil*, 1956.

«André de Resende e a Evolução da Prosa Portuguesa», *Primeiro de Janeiro*, 8/6/1960.

«André de Resende e o Humanismo Português», *Primeiro de Janeiro*, 15/6/1960.

Prefácios

A presença da obra de Cortesão ficou ainda ligada à apresentação de prefácios e estudos nos seguintes livros:

Cartas de Amor de Soror Mariana (Nova restituição e esboço crítico), Porto, Renascença Portuguesa, 1920. *Os Lusíadas* de Luís de Camões («Algumas palavras da apresentação da colecção e da obra»), edição fac-similada da 1.^a edição, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1921. *A Carta de Pero Vaz de Caminha* (Estudo, notas, transcrição diplomática e adaptação à linguagem actual), Rio de Janeiro, Dois Mundos Editora, 1943 (corresponde ao volume XIII das *Obras Completas*). *Diálogos das Grandezas do Brasil* de Ambrósio Fernandes Brandão («Apresentação»), Rio de Janeiro, Dois Mundos Editora, 1943. *A Capitania das Minas Gerais*, de Augusto de Lima Júnior («Recordação das Minas Gerais», prefácio à 2.^a edição), Rio de Janeiro, Livraria Editora Zélia, Valverde, 1943. *A Santa Vida e Religiosa Conversão de Frei Pedro, Porteiro do Mosteiro de S. Domingos de Évora*, editado com uma introdução e notas pelo Prof. Serafim da

Silva Neto (e um prefácio-estudo de Jaime Cortesão), Rio de Janeiro, Dois Mundos Editora, 1947. *Naufrágios e Combates no Mar*, vol. II («Sobre as viagens da carreira da Índia», prefácio incluído nas *Obras Completas*, vol. XVI), Edição de António Sérgio, publicado em Lisboa, Livros Horizonte, 1959. «A Passagem de Colombo por Santa Maria», de Jacinto Monteiro («Prefácio), *Ocidente*, n.º 265, Maio 1960.

Traduções

Para terminar esta parte do trabalho sobre Jaime Cortesão, não podemos deixar de referir ainda que rapidamente os livros que traduziu:

Camille Flammarion, *Contos de Luar* (1914); Axel Munthe, *O Livro de San Michele* (1937); Emil Ludwig, *Leaders da Europa* (Esboço do Natural) (1939); Hermann Rauschming, *O Que Hitler Me Disse* (1945); Sofus Larsen, *Dinamarca e Portugal no Século XV* (de 1927 ou 1928, mas só publicado em 1983); Júlio Payot, *A Educação da Vontade* (s.d.); Anatole France, *O Crime de Silvestre Bonnard* (s.d.).

Historiador

Jaime Cortesão é particularmente conhecido pela sua actividade como historiador. Embora seja um erro grave ignorar toda a riqueza da sua notável e multiforme cria-

tividade literária, como atrás se patenteou, há que constatar a evidência de que foi Clío quem lhe inspirou os seus trabalhos de maior impacto e aqueles em que mais se empenhou.

Desde cedo foi adquirindo a consciência da indispensabilidade cultural do conhecimento da história como factor decisivo para um seguro e adequado progresso da grei. Por isso o historicismo é uma constante da formação da sua personalidade cívica e literária.

A obra historiográfica veio, a partir da terceira década do século XX, culminar toda uma série de pesquisas eruditas que decorriam com resultados inovadores desde as duas últimas décadas do século anterior e os primeiros vinte anos do século XX. De entre os investigadores que se podem destacar nesse enorme esforço, sobretudo no que toca à temática da Expansão, podem-se referir os nomes de Luciano Cordeiro, Pedro de Azevedo, Ramos Coelho, Alberto Sampaio, Esteves Pereira, Braamcamp Freire, David Lopes, Baldaque da Silva, Brás de Oliveira, Henrique Lopes de Mendonça, Gabriel Pereira, Sousa Viterbo, João Lúcio de Azevedo, Joaquim Bensaúde e Luciano Pereira da Silva.

Jaime Cortesão trouxe com os seus estudos um sopro de problemática e uma capacidade de síntese que praticamente nenhum dos autores citados lograra alcançar, de forma a superar as interessantes mas antiquadas e insuficientes perspectivas de Oliveira Martins.

A presença das concepções da globalidade e da interdisciplinaridade rasgaram novos métodos que já em 1928 pôde definir com toda a clareza ao salientar que: «[...] o método geográfico, a interpretação económica e o ponto de vista sociológico remodelaram, nos últimos anos, profundamente a História; e historiador algum «contemporâneo do seu tempo» pode escusar-se de os utilizar. A história social domina hoje toda a História».

Estudando os seus muitos trabalhos podemos verificar o papel dominante que atribuiu à história económica e social, sem nunca deixar de ter presente a geografia, nem esquecer as mentalidades, a política, a cultura e a ciência, que correspondem à totalidade de uma dada realidade histórica.

A orientação inovadora que este amigo de António Sérgio incute aos seus trabalhos mereceu-lhe o apreço dos historiadores da «escola dos *Annales*» de que se destacaram os nomes de Fernand Braudel e de Vitorino Magalhães Godinho, os quais, no entanto, não deixam de ter algumas posições discordantes das dele (e vice-versa).

Um trabalho analítico rigoroso sobre os documentos permitiu-lhe traçar sucessivamente, e com grande segurança sínteses primorosas, que serviam de base a novas hipóteses aliciantes.

A maior parte dos seus estudos focou a história do Brasil colonial em todas as suas épocas mas incidiu com particular destaque no descobrimento, nas acções de desbravamento dos bandeirantes, na história de São Paulo,

no estabelecimento das feitorias em 1750 e na cartografia antiga. A Expansão Portuguesa em geral, desde as Canárias até à Austrália, mereceu-lhe também toda a atenção, embora tenha visto com particular cuidado os descobrimentos no continente americano antes e depois de Colombo.

Muitas das investigações sobre alguns documentos tão importantes como a carta de Pero Vaz de Caminha, o Tratado das Tordesilhas, o Tratado de Madrid são das mais profundas até agora realizadas.

Apesar da solidez dos seus trabalhos tão aliciantes, há que ter em conta os resultados das investigações de outros historiadores como Duarte Leite, Veiga Simões, Gago Coutinho, Armando Cortesão, Teixeira da Mota, Vitorino Magalhães Godinho, Luís Albuquerque, Barradas de Carvalho e Luís Filipe Barreto (vejam-se as pistas bibliográficas que traçamos em *As Viagens dos Descobrimientos*, Lisboa, Editorial Presença, 1983). Todos estes autores mostram os muitos aspectos positivos da obra de Jaime Cortesão, mas não deixam de apontar também algumas das fragilidades patentes nas teses relativas a aspectos do «sigilismo», dos parâmetros da obra do infante D. Henrique ou da interpretação do franciscanismo.

O constante empenho em divulgar, aprofundar e aperfeiçoar os seus estudos fez com que ele retomasse constantemente vários temas até à formulação final da cúpula da sua obra que foi *Os Descobrimientos Portugueses*.

Apesar da considerável diversidade de assuntos históricos e culturais que abordou e da notabilidade de um dos seus mais brilhantes trabalhos sobre as Raízes e a Idade Média — «Os factores democráticos na formação de Portugal» —, foi sem dúvida a Expansão Portuguesa que mais marcou profundamente, e muitas vezes de forma paradoxal, a vida e a obra de Jaime Cortesão. Em 1922 a sua vocação de historiador desabrochou definitivamente aquando da participação nas comemorações do centenário da independência do Brasil, e dezoito anos depois foi este país que o acolheu, precisamente no ano (1940) em que, no auge do Estado Novo, se realizava a Exposição do Mundo Português.

De forma muito esquemática podemos integrar em quatro fases a actividade historiográfica realizada por Cortesão. A primeira pode considerar-se como a génese da formação e da mentalidade do historiador e decorre desde o início da segunda década do século XX até 1922. A segunda fase começa nesta última data e prolonga-se até 1940. Foi nesta época que começou a publicar as suas investigações sobre os Descobrimientos Portugueses quer no período em que dirigiu a Biblioteca Nacional de Lisboa (até 1927), quer no período que se lhe seguiu, até ser «banido» para o Brasil em 1940. A terceira fase, embora em muitos aspectos corresponda a um prolongamento da anterior, caracteriza-se por um notável aprofundamento da história do Brasil colonial.

Finalmente podemos considerar uma quarta pequena fase, que é como que o epílogo da sua vida, entre 1957 e 1960, durante a qual realizou um notável esforço para sistematizar os anteriores estudos sobre os Descobrimentos que infelizmente não pôde concluir. Apesar da sua avançada idade, mantinha um espírito pleno de pujança e, vigorosamente, preparava-se para novas investigações de fôlego, quando a morte o levou para o mundo dos imortais.

Apesar de Neves Águas já ter elaborado uma *Bibliografia de Jaime Cortesão* onde se encerra de forma praticamente sistemática quase tudo o que Cortesão terá escrito, pensamos que em termos práticos vale a pena individualizar dentro dos períodos atrás referidos os estudos que Cortesão foi apresentando. Desta forma pensamos tornar mais acessível o conhecimento e a consulta de trabalhos fundamentais.

1. Antes de 1922

O interesse pela história revelou-se desde muito cedo em Cortesão, pois em 1912 abandonou a prática da medicina para se dedicar ao ensino da História. Embora não tenha escrito nenhum estudo sobre tal temática antes de 1922, é possível rastrear algumas das suas ideias nesta fase de formação, em vários textos.

Como um dos principais dinamizadores do movimento da Renascença Portuguesa, escreveu um artigo sobre «A Renascença Portuguesa e o ensino da História Pátria»,

A Águia, 2.^a série, Setembro, 1910. Ele próprio profereu a partir de 9 de Novembro de 1912 um conjunto de seis lições de um «Curso de História Pátria» cujos importantes esquemas foram publicados em *A Vida Portuguesa*, n.º 2 de 15 de Novembro de 1912, p. 15 (as duas primeiras), e no n.º 5 de 31 de Dezembro de 1912, p. 40, as quatro últimas intituladas «Portugal e o Mar».

Nesta revista publicou um artigo que é uma das suas primeiras reflexões sobre história. Trata-se de uma carta/resposta polémica a um artigo de António Sérgio que intitulou: «O parasitismo e o anti-historicismo», *A Vida Portuguesa*, n.º 18, 2/10/1913 pp. 137-139.

Para lá de várias referências dispersas em artigos, poemas, nos contos históricos e nos seus dramas históricos, é de salientar que é o próprio Cortesão que nos revela ter realizado pesquisas históricas para a preparação de *O Infante de Sagres* (1916) no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, ao agradecer na nota final a Pedro de Azevedo «que nos facultou e auxiliou na leitura de preciosos documentos coevos». Contou ainda com a colaboração de historiadores como Joaquim de Vasconcelos. No fim da vida, em 1960, no «Prefácio a modo de Memória» à 4.^a edição de *O Infante de Sagres*, traçou com grande clareza a génese das suas atitudes historiográficas no movimento da *Renascença Portuguesa*, que aparentemente esquecera ao declarar em 1959 que «a nossa vocação de historiador deve ter despertado, quando escrevemos o drama em verso *O Infante de Sagres*» (*Obras Completas*, I, p. 3).

2. Entre 1922 e 1940

A maior parte dos estudos de Jaime Cortesão neste período encontra-se inserta em obras de colaboração ou em revistas, pois apenas escreveu três volumes:

A Expedição de Pedro Álvares Cabral e o Descobrimiento do Brasil, Lisboa, Livraria Aillaud e Bertrand, 1922, 326 p., que corresponde à versão alargada da sua colaboração na *História da Colonização Portuguesa no Brasil* (reeditado no vol. XII das *Obras Completas*).

Le Traité de Tordesillas et la Découverte de l'Amérique, Lisboa, [Biblioteca Nacional], 1926, 50 p. Comunicação ao XXII Congresso Internacional de Americanistas, Roma, 1926. Foi também publicada no vol. II das respectivas *Actas* em 1928.

L'Expansion des Portugais dans l'Histoire de la Civilisation. Exposition Internationale d'Anvers, Lisboa, Agência Geral das Colónias, 1930, 78 p. Reeditado em versão portuguesa no volume XXVIII das *Obras Completas*. Há nova reedição da versão original publicada pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1983.

Os trabalhos mais importantes do historiador inserem-se na colaboração que prestou às quatro grandes obras colectivas sobre a História de Portugal que se publicaram no nosso país nesta conjuntura. Os seus textos atin-

giram sempre um nível científico cimeiro entre os demais colaboradores. Vejamos quais foram esses volumes:

História da Colonização Portuguesa no Brasil, dirigida por Carlos Malheiro Dias, vol. II, Porto, Litografia Nacional, 1923, pp. 1-39 — «A Expedição de Cabral: 1500» (corresponde em grande parte ao vol. XII das *Obras Completas*.)

História do Regímen Republicano em Portugal, dirigida por Luís de Montalvor, vol. I, Lisboa, Empresa do Anuário Comercial, 1929, pp. 13-96 — «Os Factores Democráticos na Formação de Portugal» (no vol. I das *Obras Completas*).

História de Portugal, dirigida por Damião Peres, Barcelos, Portucalense Editora.

Vol. III, 1931: pp. 333-351 «A génese da Expansão Portuguesa»; pp. 352-353 «O desígnio do Infante e as explorações atlânticas até à sua morte» (incluídos no vol. V das *Obras Completas*).

Vol. IV, 1932: «Império Português no Oriente até 1557» (*Obras Completas*, vol. XV); pp. 130-175 «Colonização do Brasil» (*Obras Completas*, vol. XVIII); «A Influência dos Descobrimentos Portugueses na História da Civilização».

Vol. V, 1933: «O Império Português no Oriente» (*Obras Completas*, vol. XV); pp. 390-436 «Colonização dos Portugueses no Brasil» (*Obras Completas*, vol. XVIII); pp. 437-462 «A Expansão dos Portugueses em África» (*Obras Completas*, vol. XVI).

Vol. VI, 1934: pp. 639-672, «As Colónias do Oriente»; pp. 673-741, «A integração do território do Brasil»; pp. 742-760, «Os domínios portugueses em África» (*Obras Completas*, vol. XX).

História da Expansão Portuguesa no Mundo, dirigida por António Baião, Hernâni Cidade e Manuel Múrias, vol. III, Lisboa, Ática, 1940: pp. 7-30 «Relações entre a Geografia e a História do Brasil»; pp. 125-141 «Expansão territorial e povoamento do Brasil» (*Nas Obras Completas*, vol. XVII).

Os artigos sobre história que publicou em Portugal neste período foram os seguintes:

«A expedição de Pedro Álvares Cabral e a Família Marchioni», *Seara Nova*, n.º 8, 15/2/1922. «Do sigilo nacional sobre os descobrimentos», *Lusitânia*, I, Janeiro 1929, pp. 45-81 (há separata que foi integrada no vol. V das *Obras Completas*). «O descobrimento das Canárias», *Boletim da Segunda Classe da Academia das Ciências*, vol. XIX, 1925, pp. 256-258 (comunicação apresentada na sessão de 25/6/1925, que foi integrada em nota no vol. V das *Obras Completas*). Série de três artigos sob a designação genérica de «África Nostra» publicados no *Boletim da Agência Geral das Colónias* (integrados no vol. V das *Obras Completas*): «Descobriram os Franceses, antes de nós, a Guiné, o Cabo da Boa Esperança e o caminho marítimo para a Índia?», n.º 1, Ju-

lho 1925, pp. 90-106; «A tomada e ocupação de Ceuta», n.º 5, Novembro 1925, pp. 9-30 (há separata); «O âmbito da obra do Infante», n.º 10, Abril 1926, pp. 3-15. «Uma crónica portuguesa inédita incluída nas de Froisart», *Lusitânia*, IX, Abril 1926. «A formação democrática de Portugal», *Seara Nova*, n.º 138, 22/11/1928 (*Obras Completas*, vol. 1). «Aperçu historique» in *Madère, îles Açores, Portugal*, principalmente redigido por Raul Proença (*Les Guides Bleus*), Paris, Librairie Hachette, 1931 (foi preparado em 1928-1929). «O franciscanismo e a mística dos descobrimentos», *Seara Nova*, n.º 301, 2 de Junho de 1932 (*Obras Completas*, vol. v). «A viagem de Diogo de Teive e Pero Vazquez de la Fronteira aos bancos da Terra Nova em 1452», *Arquivo Histórico da Marinha*, n.º 1, 1933, pp. 7-24 (há separata integrada no vol. v das *Obras Completas*). «The pre-columbian discovery of America», *The Geographical Journal*, 89 (1), Janeiro 1937, pp. 29-42. Conferência realizada em 1936, no Centre de Synthèse Scientifique, em Paris. «O problema do descobrimento da Austrália pelos Portugueses, I», *Seara Nova*, n.º 535, 13/11/1937, pp. 139-140. «Teoria geral dos descobrimentos portugueses», *Seara Nova*, n.º 679, 17/8/1940. «A geografia e a economia da Restauração», *Seara Nova*, n.º 687, 12/10/1940.

Ambos os estudos foram reunidos numa separata publicada pela Seara Nova. Foram também incluídos como comunicações no *Congresso do Mundo Português*,

vol. III, Lisboa, 1940 e encontram-se reunidos no vol. XIX das *Obras Completas*.

3. *Entre 1940 e 1957*

Neste período a quase totalidade dos estudos foi consagrada ao aprofundamento da história colonial brasileira, retomando nalguns casos investigações iniciadas anteriormente. Os volumes que então publicou sobre história abrangem uma dezena de títulos.

Cabral e as Origens do Brasil (Ensaio de Topografia Histórica), Rio de Janeiro, Ministério das Relações Exteriores, 1944, 174 p.

Los Portugueses — Los Descubrimientos Precolombinos de los Portugueses, in *História de America y de los Pueblos Americanos*, tomo III, dirigida por António Ballesteros e Beretta, Barcelona-Buenos Aires, Salvat Editores, 1947, pp. 495-766 (a versão portuguesa, que já estava preparada em 1940, encontra-se nas *Obras Completas*, vol. VIII).

Introdução à História das Bandeiras, 2 volumes, Lisboa, Portugália Editora, 1964 (constitui os volumes II e III das *Obras Completas* e reúne os 64 artigos publicados no jornal *O Estado de São Paulo* entre 1947 e 1949).

Manuscritos da Coleção de Angelis — (7 volumes). Introdução, Notas e Glossário por Jaime Cortesão, Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Divisão de Obras Raras e Publicações, 1951-1970.

Alexandre de Gusmão e o Tratado de Madrid, (9 volumes), Rio de Janeiro, Ministério das Relações Exteriores — Instituto Rio-Branco, 1952-[1961] (os dois primeiros volumes correspondem aos volumes XXX, XXXI, XXXII, XXXIII e XXXIV das *Obras Completas*).

A Fundação de São Paulo, Capital Geográfica do Brasil, Rio de Janeiro, Livros de Portugal, 1955.

Brasil — Libro Primero: De los Comienzos a 1799, História de America y de los Pueblos Americanos, tomo XXVI, dirigida por António Ballesteros y Beretta, Barcelona, Salvat Editora, 1956, pp. 1-540.

Pauliceae Lusitana Monumenta Historica, 3 volumes, Lisboa, Publicações do Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro, 1956-1961 (edição comemorativa do IV Centenário da Fundação da Cidade de São Paulo).

Raposo Tavares e a Formação Territorial do Brasil, Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura — Serviço de Documentação, 1958. (Corresponde aos volumes IX e X das *Obras Completas*).

História do Brasil nos Velhos Mapas, tomos I e II, Rio de Janeiro, Ministério das Relações Exteriores — Instituto Rio-Branco, 1965-1971.

De alguns artigos publicados em vários números da revista *Seara Nova*, que correspondiam a conferências, foram feitos os seguintes volumes:

Os Portugueses no Descobrimento dos Estados Unidos, Lisboa, Seara Nova, 1949, 118 p. (Conferência pro-

nunciada no Gabinete Português de Leitura, Rio de Janeiro em 8/10/1942).

Alexandre de Gusmão e o Tratado de Madrid, Lisboa, Seara Nova, 1950, 38 p. (Conferência pronunciada em Setembro de 1949 no Palácio das Relações Exteriores, Rio de Janeiro) que está na base da obra em vários volumes atrás referida.

O Sentido da Cultura em Portugal no Século XIV, Lisboa, Seara Nova, 1956, 46 p. (Conferência pronunciada em 10 de Fevereiro de 1955 no Clube dos Fenianos Portugueses, Porto, texto recolhido no vol. I das *Obras Completas*).

Entre 1940 e 1957 publicou os seguintes artigos em revistas:

«História de Portugal e do Brasil», *Ocidente*, vol. XIII, 1940. «A América no Caminho da Índia — as viagens de mar longo e longo curso no Atlântico», *Ocidente*, vol. XIII, n.º 38, Junho 1941, pp. 381-394. «O carácter lusitano do descobrimento do Brasil», *Ocidente*, vol. XIV, n.º 39, Julho 1941, pp. 81-95 (há separata). Conferência proferida no Liceu Literário Português do Rio de Janeiro em 3 de Maio de 1941. «A cartografia antiga e os fundamentos pré-históricos da nação brasileira», *Anais do X Congresso Brasileiro de Geografia*, 7 a 16/9/1944. «Mapa-múndi português, chamado de Cantino (1502)», *Boletim dos Serviços de Documentação das*

Relações Exteriores do Brasil, Janeiro-Fevereiro de 1945, tomo I, n.º 1, pp. 37-68. «A cartografia do açúcar e o seu significado histórico», *Brasil Açucareiro*, ano XIII, vol. XXV, Janeiro 1945, pp. 44-50 (recolhido com alterações nas *Obras Completas*, vol. XX).

«O pré-bandeirante Aleixo Garcia», *Seara Nova*, n.º 1059, 15/11/1947, 165-162 p. «Um problema de emigração no século XVII», *Revista de Emigração e Colonização*, ano X, n.º 1, Março 1948. «O significado da expedição de Pedro Teixeira à luz de novos documentos», *Anais do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, vol. III; *IV Congresso de História Nacional*, 21-28/4/1949, 1950. «Renascimento das ciências geográficas e cartográficas em Portugal», *Ocidente*, n.º 173, Setembro 1952. «O Padre Manuel da Nóbrega no Brasil», *Ocidente*, n.º 178, Fevereiro 1953. «Cartografia antiga e geopolítica de Goiás», *Revista de Imigração e Colonização*, ano XII, n.º 1, 1952. «Dois Centenários», *Ocidente*, n.º 190, Fevereiro 1954, pp. 53-57 «O território da colónia do Sacramento e a formação dos Estados Platinos», *Revista de História*, 17, Janeiro-Março 1954 (há separata). «A exposição de ourivesaria », *Vértice*, Julho 1955.

Durante este período é grande a quantidade de artigos que escreveu em jornais brasileiros e portugueses sobre história. Embora não nos seja possível referir todos,

salientamos de forma muito abreviada os que terão sido mais importantes:

«Velhos erros e novas correcções», série de artigos em *A Manhã* entre 30/6/1946 e 10/6/1946. «A exposição histórica de S. Paulo», série de 7 artigos em *O Primeiro de Janeiro* de 6/4/1955 a 25/5/1955. «Introdução histórica aos museus de arte», *Notícias*, Lourenço Marques, 28/8/1955. «Lisboa do Terramoto», *Primeiro de Janeiro*, 24/12/1955. «América Portuguesa e América Espanhola», série de 3 artigos em *O Primeiro de Janeiro* entre 14/10/1956 e 4/11/1956. «Pioneiros da Ásia, África e América», *O Primeiro de Janeiro*, 16/12/1956. «Geopolítica de Goiás e da futura capital», série de 4 artigos publicados em *O Estado de S. Paulo*, entre 13/1/1957 e 10/2/1957. «A expedição de Luís Barbalho», série de 5 artigos em *O Estado de São Paulo*, 10/3/1957 a 21/4/1957. «O descobrimento do Brasil», série de três artigos publicados em *O Primeiro de Janeiro* de 24/5/1957 a 10/6/1957.

4. Entre 1958 e 1960

Depois de regressar definitivamente a Portugal, Cortesão continuou activamente a trabalhar nos domínios da história, preparando uma grande sistematização dos estudos anteriores a que deu o título de:

Os Descobrimientos Portugueses. Iniciada a sua publicação em fascículos em Lisboa pela Arcádia em 1958, viu concluído o primeiro volume em 1960. O segundo só acabaria de sair postumamente em 1962 (*Obras Completas* volumes XXI a XXVI).

O outro volume que publicou antes de morrer foi:

A Política de Sigilo nos Descobrimentos nos Tempos do Infante D. Henrique e de D. João II, Lisboa, Comissão Executiva das Comemorações do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique, 1960, 168 p.

Além destes livros, publicou alguns artigos em revistas:

«A missão dos padres matemáticos no Brasil», *Studia*, 1, Janeiro 1958, pp. 123 a 150 (há separata). «O Infante D. Henrique «homo oeconomicus», «*Revista de Economia*», vol. XIII, Junho a Setembro 1960. A sua colaboração no *Dicionário de História de Portugal*, dirigido por Joel Serrão, limitou-se à entrada «América», vol. 1, Lisboa, Iniciativas Editoriais, 1963.

A sua colaboração em jornais continuou a ser muito activa, aí deixando muitos artigos de história. Alguns deles já foram reunidos nas *Obras Completas*, como:

«Portos e marinheiros de Portugal» (1958, *Obras Completas*, vol. 1).

«Quais os avós directos dos portugueses», (1958, *Obras Completas*, vol. 1).

«Os Celtas» (1958, *Obras Completas*, vol. 1).

«Causas da independência de Portugal e do Brasil» (1959, *Obras Completas*, vol. 1).

«A história e o historiador» (1959, *Obras Completas*, vol. I).

«Duarte Lopes e a física geral da África» (*Obras Completas*, vol. XVI).

«A África Portuguesa na primeira metade do século XVII», (1959, *Obras Completas*, vol. XVI).

«Relações históricas entre Portugal e a Etiópia (1959/1960, *Obras Completas*, vol. XVI).

«Raízes luso-árabes de Lourenço Marques» (1959/1960, *Obras Completas*, vol. XVI).

«Viagens pré-gâmicas dos Portugueses às costas da África Oriental» (1960, *Obras Completas*, vol. XVI).

Entre os artigos não recolhidos nas *Obras Completas*, podemos apenas destacar os seguintes, a título de exemplos mais significativos:

«Causas da eclosão e do malogro», in *1891 — 31 de Janeiro*, Porto, Comissão das Comemorações, 1956.

«Os azulejos em Portugal», *O Primeiro de Janeiro*, 12/3/1958.

«O regime do escravo em Portugal», *O Primeiro de Janeiro*, 24/3/1959.

«O luxo em Portugal e os Descobrimentos», *O Primeiro de Janeiro*, 23/2/1960.

Devemos finalmente apontar um artigo não datado sobre «Austrália — o problema do descobrimento da Austrália pelos Portugueses» in *Grande Enciclopédia Luso-Brasileira* — vol. III, Lisboa, Editorial Enciclopédia, Ltd.

Quando morreu preparava uma comunicação ao 5.º Colóquio Internacional de História Marítima que decorreu em Lisboa de 14 a 16 de Setembro de 1960. Conservou-se apenas o resumo publicado com o título «La diffusion internationale des nouvelles méthodes de l'art nautique aux XV^{ème} et XVI^{ème} siècles (resumé) in *Les Aspects Internationaux de la Découverte Oceanique aux XV^{ème} et XVI^{ème} siècles*, Paris, S.E.V.P.E.N., 1966.

As Obras Completas

Como tivemos ocasião de observar a obra de Jaime Cortesão é uma das mais vastas entre as dos escritores portugueses do século XX. Ela vai desde a ampla monografia à colaboração em livros, revistas e jornais, muitas vezes de difícil acesso. Para superar as dificuldades e prejuízos inerentes a essa dispersão, iniciou-se em 1964 a publicação das *Obras Completas* de Jaime Cortesão (até 1970 pela Portugália e a partir de 1970 pelos Livros Horizonte). Neste momento já conta com um total de trinta e quatro volumes correspondentes a um conjunto de vinte e dois títulos, alguns reunindo vários trabalhos e outros divididos em vários volumes.

Para uma rápida e prática orientação dos leitores da obra de Cortesão, apresentamos aqui o panorama do que já foi realizado:

Os Factores Democráticos na Formação de Portugal, vol. I.

Introdução à História das Bandeiras, I e II, vol. II e III.

Contos para Crianças, vol. IV.

A Expansão dos Portugueses no Período Henriquino, vol. V.

O Humanismo Universalista dos Portugueses, vol. VI.
Itália Azul, vol. VII.

Os Descobrimentos Pré-Colombinos dos Portugueses, vol. VIII.

Raposo Tavares e a Formação Territorial do Brasil I e II, vol. IX e X.

Poesias I e II, vol. XI e XIV.

A Expedição de Pedro Álvares Cabral e o Descobrimento do Brasil, vol. XII.

A Carta de Pero Vaz de Caminha, vol. XIII.

O Império Português no Oriente, vol. XV.

Os Portugueses em África, vol. XVI.

Memórias da Grande Guerra, vol. XVII.

A Colonização do Brasil, vol. XVIII.

Eça de Queirós e a Questão Social, vol. XIX.

O Ultramar Português depois da Restauração, vol. XX.

Os Descobrimentos Portugueses I, II, III, IV, V e VI, vol. XXI, XXII, XXIII, XXIV, XXV e XXVI.

O Que o Povo Conta em Portugal, vol. XXVII.

A Expansão Portuguesa na História da Civilização, vol. XXVIII.

Teoria Geral dos Descobrimentos Portugueses, vol. XXIX.

Alexandre Gusmão e o Tratado de Madrid I, II, III, IV e V, vol. XXX, XXXI, XXXII, XXXIII e XXXIV.

Até se concluir este gigantesco empreendimento, ainda há que esperar alguns anos, mas é indispensável que todas as páginas escritas por Cortesão se tornem acessíveis, pois como já salientava Vitorino Magalhães Godinho (no prefácio às *Obras Completas*, I, p. XLVII) «todas elas merecem ser lidas ou relidas, lembradas, meditadas, e isto não só pela sua límpida beleza: antes, como tentámos mostrar, porque são vivas, porque continuam a ser portos de onde desaçarferrar, para a viagem de descoberta do nosso passado».

CONCLUINDO

O cidadão, artista e historiador Jaime Cortesão viveu e sofreu intensamente os dramas de Portugal e do Mundo durante a primeira metade do século XX. Foi talvez por isso que a sua obra nos ficou como um legado paradig-

mático de um humanismo avançado e virado para o progresso autêntico e, sobretudo, para a compreensão do papel e da força dos Portugueses na história. Penso que será justo terminar com palavras suas que são, só por si, o testemunho da grandeza de um homem que quanto mais se conhece mais se admira:

«[...] a todos os Portugueses, dirijo uma mensagem de paz, esperança e amor, e o desejo fraterno de ver Portugal integrado nos caminhos novos da liberdade e da justiça e dentro das suas grandes tradições humanas.»

ORIENTAÇÃO BIBLIOGRÁFICA

O conjunto de todos (ou quase todos) os textos publicados por Jaime Cortesão foi referenciado por Neves Águas primeiro na *Bibliografia de Jaime Cortesão — Contribuição para um Inventário Completo*, 1 parte, Portugal, Lisboa, Arcádia, 1962, o qual foi depois retomado, alterado e aumentado com a parte respeitante ao Brasil em *Bibliografia de Jaime Cortesão*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1985.

De entre as obras que trataram da personalidade de Jaime Cortesão, cabe destacar as seguintes:

Ricardo Saraiva, *Jaime Cortesão — Subsídios para a Sua Biografia*, Lisboa, Seara Nova, 1953.

Óscar Lopes, *Jaime Cortesão*, Lisboa, Arcádia, [1962] (com abundante bibliografia).

Jaime Cortesão • Raul Proença — Catálogo da Exposição Comemorativa do Primeiro Centenário, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1985.

Alguns números de publicações periódicas incluíram estudos sobre a vida e a obra de Jaime Cortesão. Para não alongarmos aqui estas referências, referimos apenas os nomes de alguns dos colaboradores que neles incluíram artigos:

Seara Nova, n.ºs 1266-69 de 27/12/1952. Egas Moniz, Gago Coutinho, Joaquim de Carvalho, João de Barros, Aquilino Ribeiro, Miguel Torga, Hernâni Cidade, Rodrigues Miguéis, Vitorino Nemésio,

Augusto Casimiro, Joel Serrão, David Mourão-Ferreira, Henrique de Barros, Jorge de Macedo, etc.

República, n.ºs 11/8/1960 e 18/6/1960: Hélder Ribeiro, Mário Azevedo Gomes, Mário Soares, Vasco da Gama Fernandes, Fernando Piteira Santos. Este último historiador publicara no mesmo jornal outros artigos sobre Cortesão (n.ºs de 29/4/1959; 23/1/1960; 11/6/1960 e 27/8/1960).

Ocidente, vol. LXI, 1961: Joaquim Paço d'Arcos, David Mourão-Ferreira, Nuno Simões e Teixeira da Mota. Há separata com o título *Homenagem a Jaime Cortesão*.

Prelo, número especial de homenagem a Jaime Cortesão, Dezembro 1984: Joel Serrão, António Coimbra Martins, Urbano Tavares Rodrigues, José Esteves Pereira, Jorge Borges de Macedo, José Manuel Garcia, Max Justo Guedes, Nanci Leonzo, Maria Beatriz Nizza da Silva, João Alves das Neves, etc.

Para lá desta revista, que foi a única a dar o destaque devido ao centenário de Cortesão, houve outros artigos em publicações, podendo-se referir a título de exemplo:

José Manuel Azevedo e Silva, «Jaime Cortesão — O Voo da Águia», *Mundo*, n.º 7, Maio 1984, pp. 7-25.

João Marinho dos Santos, «Jaime Cortesão — acima de tudo Um Homem», *Vértice*, n.º 460, Maio/Junho 1984, pp. 79-86.

Já em 1985 saíram vários artigos sobre Jaime Cortesão nos *Cadernos da Revista de História Económica e Social*, 6-7, 1985 (com o título *Cidadania e História — Em Homenagem a Jaime Cortesão*), na revista *Nova Renascença*, Janeiro/Março 1985 e na *Revista de Biblioteca Nacional*, 2.ª série, 1, 1986.

Composto e impresso
para
Imprensa Nacional-Casa da Moeda
nas suas Oficinas Gráficas
com uma tiragem de dez mil exemplares.
Acabou de imprimir-se
em Novembro de mil novecentos e oitenta e sete.

CÓD. 213033000

ED. 12.610.420

DEP. LEGAL 17 951/87

COLECÇÃO ESSENCIAL

1. *Irene Lisboa*
por Paula Morão
2. *Antero de Quental*
por Ana Maria A. Martins
3. *A Formação da Nacionalidade*
por José Mattoso (2.ª edição)
4. *A Condição Feminina*
por Maria Antónia Palla
5. *A Cultura Medieval Portuguesa*
(Séculos XI e XIV)
por José Mattoso
6. *Os Elementos Fundamentais*
da Cultura Portuguesa
por Jorge Dias
7. *Josefa d'Óbidos*
por Vitor Serrão
8. *Mário de Sá-Carneiro*
por Clara Rocha
9. *Fernando Pessoa*
por Maria José de Lancastre
10. *Gil Vicente*
por Stephen Reckert
11. *O Corso e a Pirataria*
por Ana Maria Pereira Ferreira
12. *Os «Bebés-Proveta»*
por Clara Pinto Correia
13. *Carolina Michaëlis de Vasconcelos*
por Maria Assunção Pinto Correia
14. *O Cancro*
por José Conde
15. *A Constituição Portuguesa*
por Jorge Miranda
16. *O Coração*
por Fernando Pádua
17. *Cesário Verde*
por Joel Serrão
18. *Alceu e Safo*
por Albano Martins
19. *O Romanceiro Tradicional*
por João David Pinto-Correia
20. *O Tratado de Windsor*
por Luís Adão da Fonseca
21. *Os Doze de Inglaterra*
por Artur de Magalhães Basto
22. *Vitorino Nemésio*
por David Mourão-Ferreira
23. *O Litoral Português*
por Ilídio Alves de Araújo
24. *Os Provérbios Medievais*
Portugueses
por José Mattoso
25. *A Arquitectura Barroca*
em Portugal
por Paulo Varela Gomes
26. *Eugénio de Andrade*
por Luís Miguel Nava
27. *Nuno Gonçalves*
por Dagoberto Markl
28. *Metafísica*
por António Marques
29. *Cristóvão Colombo*
e os Portugueses
por A. Teixeira da Mota
30. *Jorge de Sena*
por Jorge Fazenda Lourenço
31. *Bartolomeu Dias*
por Luís Adão da Fonseca
32. *Jaime Cortesão*
por José Manuel Garcia

